

# MEMÓRIAS, TRAJETÓRIAS E HISTÓRIA. COMUNIDADE SIMEÃO PONTA ALTA, RIO MAMURÚ, PARINTINS-AM.

Gabriel dos Santos Prata<sup>1</sup>

João Marinho da Rocha<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo é um aspecto de uma pesquisa para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, junto ao curso de licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas - UEA<sup>3</sup>. Tem como tema: “Memórias, trajetórias e Histórias (Comunidade Simeão Ponta Alta, Rio Mamurú – Parintins)”. Ancorada no campo da História Social, dialoga com a metodologia da história oral. Fez-se um roteiro temático que norteou a pesquisa, foram feitas entrevistas com quatro pessoas que fizeram parte da formação da comunidade Simeão Ponta Alta, com o objetivo de registrar suas experiências sobre aquele período. As análises iniciais das entrevistas mostram que a formação da comunidade se deu por questões Religiosas e por interesse pessoal de um indivíduo recém-chegado na localidade. Em seguida a igreja católica institucionaliza e oficializa o local como uma comunidade, passando assim a ter registros e uma organização seguindo as normas postas por ela. As análises também apontam que a comunidade passou por locais, uma onde se iniciou depois de alguns anos houve a migração para outro espaço onde está localizada até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Memória; História Oral; História; Simeão Ponta Alta.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo está estruturado em quatro seções. Na primeira denominada “*MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA: possibilidades para a história social da*

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de História na Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP; E-mail: [gdsp.his20@uea.edu.br](mailto:gdsp.his20@uea.edu.br)

<sup>2</sup> Professor adjunto no curso de História da Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP. Grupo de Estudos Históricos do Amazonas- GEHA; Núcleo de Estudos Afro-brasileiros- NEAB/UEA; E-mail: [jmdrocha@uea.edu.br](mailto:jmdrocha@uea.edu.br) / [jmrocha.hist@hotmail.com](mailto:jmrocha.hist@hotmail.com)

<sup>3</sup> A mesma pesquisa gerou mais dois artigos para comunicação em eventos científicos, um deles já esta publicados nos anais e livro do evento; o segundo irá compor também os anais em vias de organização. São eles: PRATA, Gabriel dos Santos, ROCHA, João Marinho. MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DA COMUNIDADE SIMEÃO PONTA ALTA, RIO MAMURÚ – PARINTINS-AM. Encontro Regional Norte de História Oral (13 : 2023 : Parintins, AM), Anais Do XIII Encontro Regional Norte de História Oral, 24-26 outubro 2023; Embu das Artes, SP: Alexa Cultural, 2024.

PRATA, Gabriel dos Santos, ROCHA, João Marinho. MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA: Possibilidades na visualização de trajetórias de comunidades rurais – Parintins, 2024.

*comunidade Simeão Ponta Alta*”, traremos reflexões sobre conceitos de memória, o campo da história social, história oral dando ênfase na análise junto à comunidade Simeão Ponta Alta, traremos estudiosos que pesquisam sobre os determinados temas e assim faremos um paralelo entre os conceitos e a realidade da comunidade.

Na segunda seção, *“DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO HISTÓRICA DA COMUNIDADE SIMEÃO PONTA ALTA”*, abordaremos especificamente os processos de formação histórica da comunidade a partir de fontes orais que dialogam com autores que tratam de temáticas levantadas pelas narrativas das memórias orais. Permitindo a análise de como e por que houve a formação da comunidade naquela região, estaremos atento ao contexto em que esses eventos aconteceram.

A terceira seção denominada, *“DA INSTITUCIONALIZAÇÃO <sup>4</sup> DA COMUNIDADE”*, discorre sobre as ações da Igreja Católica naquele contexto e como ela influenciou para os processos que levaram a institucionalização de Ponta Alta como comunidade. Estamos atentos para visualização das mudanças que a institucionalização promoveu no cotidiano das famílias que ali moravam, são também analisados os conflitos entre a igreja e um dos idealizadores da comunidade, entre a igreja e um morador da região, discutiremos as motivações desses conflitos e no que resultaram todas essas ações.

Por fim, na última seção intitulada, *“DAS PRÁTICAS DE TRABALHO, SOCIAIS E RELIGIOSIDADES”*, abordamos as memórias sobre quais eram as práticas de trabalho daquele período, o que as pessoas que ali moravam cultivavam, de onde tiravam seus sustentos, mas também faremos um paralelo com os dias atuais, se as práticas de trabalho ainda são as mesmas ou se houve mudanças nos hábitos dos comunitários. Analisaremos como eram que se organizavam na comunidade, quais às práticas sociais, analisaremos também as questões religiosas, a festividade em honra ao Divino Espírito Santo, a inserção de uma santa católica chamada “Nossa Senhora das Lágrimas” pela igreja, após conflitos com o dono do Divino Espírito Santo. Analisaremos como eram festas daquele

---

<sup>4</sup> Em nossas pesquisa temos abandonado um marcador analítico muito comum nos memorialistas do Baixo Amazonas que é a expressão “Fundação” da comunidade. Isto credita a existência de comunidades apenas ao marco religioso caracterizado pela edificação da uma igreja e uma estrutura religiosa católica a partir dos ritos romanos que num primeiro momento intentaram silenciar os processos anteriores de catolicismo popular e práticas historicamente híbridadas, muitas das quais não “caberiam” mais nos conceitos de comunidades cristã que se fundaria a partir “da chegada do padre”. Assim, em substituição ao termo “Fundação”, utilizamos a expressão “Institucionalização”. Isto significa que em nossos estudos, tratamos de considerar as memórias sobre os processos anteriores a esse ato, reconstituindo aspectos das histórias sociais anteriores a isso, ao que chamamos de ‘Formação’, onde as trajetórias de famílias são evidenciadas e colocadas como importantes na história social dessas comunidade e a chegada do padre é um.

período, tanto através das fontes orais em devidas conexões com autores que tratam do tema.

Ao analisarmos a comunidade Simeão Ponta Alta através dos relatos orais de pessoas que viveram o período de formação histórica e sua institucionalização como comunidade, temos elementos necessários para a compreensão dos processos de funcionamento dos trabalhos da Igreja católica nas comunidades rurais naquele contexto de ditadura civil-militar. Mas não apenas isso, também visualizamos o quão complexo são as histórias e as trajetórias dessas comunidades rurais, que apontam para as muitas histórias em aberto para a Amazônia.

O estudo da memória, história oral como instrumento de visualização das trajetórias de comunidades rurais revela-se não apenas como um exercício acadêmico, mas também como uma ferramenta vital para a preservação e valorização da identidade rural. Ao longo deste trabalho, testemunhamos a riqueza das narrativas locais, a diversidade de experiências e as transformações ao longo do tempo que moldaram essas comunidades.

A visualização dessas trajetórias não só nos permite compreender o passado, mas também nos desafia a repensar o presente e a planejar o futuro de maneira mais inclusiva. Que este estudo inspire novas abordagens colaborativas e interdisciplinares, e que as trajetórias das comunidades rurais continuem a ser contadas, preservadas e celebradas por gerações futuras.

### **MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA: Possibilidades para a História social da comunidade Simeão Ponta Alta.**

Dos campos da história o que trabalhamos durante essa pesquisa é o campo da história social. É um campo que trata sobre as questões da sociedade, de grupos sociais, familiares, dos movimentos sociais, a formação de determinados espaços, ela abrange também outros campos como o econômico, político e nesse sentido o presente artigo irá trabalhar com a história social que nos dá suporte nesta pesquisa sobre comunidades. Para exemplificar Barros (2005) vai dizer que:

Esta nova noção da história social, voltada para a ideia de uma totalidade de aspectos, podia ser aplicada tanto ao estudo de uma sociedade inteira, como para o estudo de comunidades tomadas como centros de referência, como as comunidades rurais e urbanas que começaram a ser examinadas pelos historiadores associados a história regional. Em um caso ou outro, a História

Social não apresenta mais objetos específicos dentro da História: seu interesse é a sociedade como um todo (seja ela estudando um país, uma grande região como o mediterrâneo, uma cidade ou uma aldeia). (Barros,2005, p. 15-16)

No campo da História Social há uma dualidade histórica, uma vertente que estuda temas mais restritos da sociedade, no sentido micro e a outra que estuda o macro, ou seja, engloba a sociedade como um todo independente do espaço. No entanto, a História Social mantém a base que é a experiência humana, tanto individualmente, quanto no coletivo vivendo em sociedade. Nesse sentido, Castro (1997) diz que:

Frente a multiplicação de objetos e abordagens, a partir das temáticas clássicas em história social, não me parece factível caracterizá-la como especialidade da disciplina histórica. A história social mantém, entretanto, seu nexos básico de constituição, enquanto forma de abordagem que prioriza a experiência humana e os processos de diferenciação e individualização dos comportamentos e identidades coletivos – sociais na explicação histórica. (Castro, 1997, p.89)

A preservação da memória é um dos pilares fundamentais para a compreensão e valorização da história de uma determinada comunidade Simeão Ponta Alta. Ao estudar a relação entre a memória e a história, é possível compreender a trajetória e a formação dos grupos que compõem uma sociedade. Pierre Nora historiador que trabalha as questões sobre memória afirma que: “A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, Halbwachs o fez, que há tantas memórias quanto grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada”. (Nora, 1993, p. 9)

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo analisar a comunidade Simeão Ponta Alta e investigar sua formação, levando em consideração a memória coletiva dos indivíduos que a compõem, que ajudarão na elucidação de fatos antes esquecidos da formação e institucionalização dessa comunidade.

A comunidade Simeão Ponta Alta localizada à margem direita do Rio Mamarú, a 30 km do município de Parintins/AM, desperta interesse por suas peculiaridades históricas, como por exemplo, ter passado por locais, anteriores ao atual, o local de fundação e o de institucionalização pela igreja. Com essas mudanças, deixando rastros e espaços retomados pelas memórias que reconstróem aqueles tempos de formação da comunidade, vamos ver o que Nora (1993) vai chamar de lugares de memória, nesse sentido ele diz que

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar

puramente funcional, como um manual de aula, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. (Nora, 1993, p. 21)

Analisaremos também a mudança de comportamento dos indivíduos após a formação, nos aspectos religiosos e culturais e durante a migração para o outro espaço, como as famílias ali existentes receberam as notícias dessas mudanças.

Falar e trabalhar com memória temos que ter o cuidado de não ter o relato como uma verdade intocável, precisa-se de análises, pois a memória é uma construção tanto social quanto individual, podendo se adaptar a cada caso, fatos podem ser omitidos, outros inventados tanto conscientes como inconscientes, Pollak diz que: “A memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata de memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade”. (Pollak, 1992, p. 204)

Segundo Pollak, a memória é um fenômeno social e coletivo que está em constante transformação e é moldado pelas interações sociais. Para Pollak, a memória não é apenas uma forma de preservar o passado, mas também uma maneira de interpretar e dar significado a ele.

A memória é construída por meio de interações entre os processos individuais e coletivos. As memórias individuais são influenciadas pelas memórias coletivas, e vice-versa. Assim, a memória é um fenômeno complexo, dinâmico e em constante transformação, que reflete a interação entre as experiências pessoais e os contextos sociais. Além disso, a memória também é influenciada pela seleção e filtragem das informações. Nem tudo o que é vivido e experimentado é retido na memória, nesse sentido Pollak afirma que:

Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (Pollak, 1992, p. 204)

Por meio da análises de entrevistas este estudo busca compreender como a memória coletiva contribuiu para a formação dessa comunidade e como ela influencia as identidades individuais e coletivas até os dias atuais, seguindo a metodologia da história oral para fazer as entrevistas, nesse sentido Verena Alberti afirma que:

A entrevista de história oral é resíduo de uma ação específica, qual seja, a de interpretar o passado. Tomar a entrevista como resíduo de ação, e não apenas

como relato de ações passadas, é chamar a atenção para a possibilidade de ela documentar as ações de constituição de memórias. (Alberti, 2005, p. 169)

A metodologia da história oral nos permite adentrar em fatos que outras metodologias não conseguem alcançar, acessando não apenas aspectos materiais como também atitudes, desejos, imaginação dos colaboradores sobre determinados eventos que estão na pesquisa. Assim como afirma Portelli (1993), acessa também memórias coletivas e individuais de pessoas que perpassam por gerações, memórias essas antes não valorizadas, mas que guardam características únicas para o processo da pesquisa, Delgado (2003), afirma que:

A memória, em sua extensa potencialidade, ultrapassa, inclusive, o tempo de vida individual. Através de histórias de famílias, das crônicas que registram o cotidiano, das inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se a cronologia atual e o homem mergulha no seu passado ancestral. Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico. (Delgado, 2003, p. 19)

Segundo Alberti a metodologia da história oral permite questionar o modo crítico a aplicação de teorias macrosociológicas sobre o passado. As entrevistas trazem a possibilidade de contradizer aquilo que foi enraizado ou generalizado sobre determinados assuntos, sujeitos, lugares, Alberti também diz que:

Essa riqueza da História Oral está evidentemente relacionada ao fato de ela permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, o pesquisador tem acesso a uma multiplicidade de “histórias dentro da história”, que, dependendo de seu alcance e dimensão, permitem alterar a “hierarquia de significações historiográficas”. (Alberti, 2005, p.166)

A pesquisa se deu com a utilização da metodologia da história oral para fazer entrevistas com quatro pessoas mais antigas da comunidade Simeão Ponta Alta e que participaram dos processos de formação da comunidade, afim de conseguir fontes para a pesquisa, alguns colaboradores não moravam mais na comunidade, então foi preciso o deslocamento até o local onde moravam e fazer as entrevistas com eles, seguindo o roteiro pré-estabelecido que norteou a entrevista.

**Sujeitos da pesquisa:**



João Henriques



Raimundo Pereira



Reinaldo Trindade



Satocy Tokuta

A interseção entre memória, história oral e história oferece uma lente fascinante para compreender as trajetórias das comunidades rurais. Ao explorar as narrativas pessoais e coletivas, é possível desvendar camadas profundas da cultura e mudança ao longo do tempo. Neste artigo, investigamos as potencialidades da visualização dessas trajetórias, destacando a importância da preservação do conhecimento local e da valorização das experiências vividas nas áreas rurais. Ao mergulhar nesse contexto dinâmico, buscamos não apenas entender o passado, mas também informar ao leitor como a trajetória dessas comunidades tem elementos conjunturais compartilhados, mas também tem as apropriações distintas dessas conjunturas nacionais e regionais que chegam aos seus espaços na segunda metade do século XX.

## **DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO HISTÓRICA DA COMUNIDADE SIMEÃO PONTA ALTA.**

Para uma melhor compreensão do processo de formação histórica da comunidade Simeão Ponta Alta, é importante retornar à década de 1960, período em que houve a segunda leva de ocupação na Amazônia, muito impulsionado depois pela ditadura civil militar, que enxergava a Amazônia como um grande território vazio que precisava ser ocupado, nesse avante da ocupação vamos ver como os povos tradicionais foram afetados por essa expansão e como eles ficaram a margem de todo esse processo de ocupação, Arenz (2000) afirma que:

Pode-se afirmar que os migrantes e as populações tradicionais amazônicas (índios, ribeirinhos) não foram integrados como co-protagonistas nas transformações provocadas com a ocupação da Amazônia desde os anos 60, mas mantidos a distância como uma massa de mão-de-obra informal, flexível e disponível quando necessário. (Arenz, 2000, p. 70)

Nesse contexto, irão surgir muitas comunidades e é nesse período que a comunidade Simeão Ponta Alta, no primeiro momento chamada apenas de Simeão é formada, a partir de interesses pessoais, mas também por influência desse movimento que estava ocorrendo em toda a Amazônia.

Segundo as memórias orais o maior interessado na formação dessa comunidade foi o senhor Jorge de Oliveira Rodrigues, que era comunitário da comunidade do Maranhão<sup>5</sup>, e havia adquirido um terreno na região. Por ele ser congregado Mariano, ficava dificultoso o seu deslocamento para a sua comunidade de origem para participar dos cultos e novenas realizados pelos congregados Marianos<sup>6</sup>.

Com a chegada do PIME (Pontifício Missões Estrangeiras) na região de Parintins, houve uma grande tentativa de acabar ou moldar os costumes do que o Pe. Manuel do Carmo chamou de Catolicismo Popular, às práticas religiosas e bons costumes do primeiro mundo, nesse sentido Carmo também vai dizer que:

O catolicismo romano busca adequar o povo a uma vida sacramental e a uma disciplina rígida. Para isso são implantados os movimentos da Congregação Mariana para os homens, Apostolado da Oração para as mulheres, cruzada eucarística para as crianças após a primeira comunhão, pia união para as moças (esta já não existe mais). Tais movimentos constituem a base da evangelização da Prelazia, tendo como missão substituir as lideranças legais do catolicismo popular, transformando as festas em festas somente religiosas proibindo danças e substituindo os organizadores por membros dos movimentos então fundados. (Campos, 1995, p. 114)

Consta que ao saber que havia um senhor que tinha uma festa em honra ao Divino Espírito Santo, o senhor Jorge de Oliveira, teve a ideia de conversar com o dono da festa chamado Fábio Prestes, para formar ali uma comunidade. Sobre esse tema dos santos particulares e as configurações na Amazônia profunda, vale destacar que

A devoção individual ou da comunidade se faz sentir sobre os santos, ou mais explicitamente sobre as imagens desses santos. Como símbolos de culto religioso essas imagens, ou simples cromos, tem lugar de maior preeminência que a cruz. Alguns desses santos, representados pelas imagens locais, são considerados patronos ou advogados de profissões. (Galvão, 1976, p.29)

A devoção a santo era muito comum nas áreas rurais, haviam pessoas que possuíam imagens de santos os chamados “donos de santos”, assim festividades eram

---

<sup>5</sup> Maranhão é uma comunidade polo localizada a 14 km de Parintins-AM, as margens esquerda do rio Uaicurapá. Próxima as confluências do Paraná do Ramos, dos Rio Traçajá e Mamuru.

<sup>6</sup> Congregação Mariana é uma associação pública de leigos católicos. É formada por cristãos católicos que procuram seguir melhor o cristianismo através de uma vida consagrada a mãe de Deus, a Virgem Maria.

feitas em honra ao referido santo, na comunidade Simeão Ponta Alta teremos o Divino Espírito Santo quem no contexto anterior a institucionalização da comunidade tinha como festeiro, o senhor Fábio Prestes.

As imagens de santo, em geral de massa ou madeira, importada de Belém, são propriedades de um indivíduo e passado de geração em geração como herança muito prezada. São os “donos de santos” ou “protetores”. Em geral ocupam a função de zeladores nas irmandades. Ao indivíduo é reconhecido o direito, em caso de mudança, de levar consigo a imagem mesmo quando esta é por tradição a padroeira do lugar.(Galvão, 1976, p. 30)

Assim, a formação inicial de Simeão está diretamente relacionada com essa cultura popular da “devoção”. Consta nas fontes que a ideia inicialmente foi rejeitada pelo dono da festa, mas depois de algumas conversas entraram em consenso e o senhor Fábio Preste doou a imagem do divino para formar a comunidade.

Inicialmente o lugar recebeu o nome de Simeão, por conta de uma cabeceira já chamada Simeão, onde ficava o terreno do senhor Fábio Prestes. Após esse acerto foi feita uma reunião com todos as pessoas que moravam nas demais cabeceiras e terrenos próximos. Todos devidamente convidados descer para o novo espaço e com isso formar uma comunidade<sup>7</sup>, como destaca o senhor João Henriques Prata um dos colaboradores de nossa pesquisa:

Esse cidadão (Jorge Oliveira) convidou as pessoas, as famílias que moravam naquela cabeceira né, lá, pra uma reunião e nessa reunião ele expos é o quê que ele queria com aquilo né, falou do Santo, da necessidade dele, dele ser um religioso por exemplo e não ter uma comunidade próxima pra ele né levar suas atividades religiosas em frente<sup>8</sup>.

Com a aprovação da ideia pelos moradores da localidade deu-se início as atividades comunitárias, tais como cultos e reuniões, todas feitas em um barracão construído ao lado da casa do senhor Fábio. Nesse espaço ficou instalada oficialmente a comunidade, para que as famílias pudessem ter a oportunidade de acessar direitos básicos como de estudos. Consta que uma das primeiras ações coletivas do Simeão foi um esforço para conseguirem levar uma professora. Isso garantiu às crianças terem acesso à educação formal, uma estratégia para fortalecer a comunidade recém-formada, todos os eventos,

---

<sup>7</sup> Para aprofundar a noção de comunidade. Ver Maués, Raimundo Heraldo. Comunidades “no sentido social da evangelização”: CEBs, camponeses e quilombolas na Amazônia Oriental Brasileira. 2010.

<sup>8</sup> Prata João Henriques. Entrevista. Comunidade Simeão Ponta Alta, setembro de 2023.

aulas, cultos, reuniões eram feitas naquele barracão, único espaço coletivo que existia para essas finalidades naquele contexto (ver figura 01 e 02).



**Figura 01.** Esteio do antigo barracão citado acima.  
*Fonte: Gabriel dos Santos Prata, 2023*



**Figura 02:** Local atual da comunidade Simeão Ponta Alta;  
*Fonte: Marcos Henriques Prata, 2024.*

Podemos perceber que na primeira imagem é apenas resquício, um lugar de memória do que um dia foi o primeiro local da comunidade. Na segunda imagem já temos um local totalmente organizado, com uma igreja mais moderna, o que ficou foi o modelo de organização da igreja católica, como uma igreja na frente e as casas dos moradores ao redor dessa igreja.

Esse espaço da primeira imagem, Pierre Nora vai chamar de “lugares de memória”, que em Simeão são lugares onde não há existência de moradias, mas há vestígios do que um dia foi o espaço inicial de uma determinada comunidade, tendo consigo grande carga simbólica para as pessoas que dali fizeram parte e que possuem aquilo que Rocha, (2019) vai chamar de “memória territorial”. São espaços simbólicos e de pertencimentos que são parte do patrimônio dessas comunidades.

Após alguns anos houve um aumento demográfico, com a necessidade de expandir a comunidade e por não haver a concessão de terras para essa expansão, os moradores buscaram outro espaço para instalar a comunidade. Inicialmente houve um embate por um determinado local denominado boca do Simeão, localizado na entrada da cabeceira do Simão, porém como não foi possível conseguir aquele local, o povo teve que atravessar

o rio Mamurú para um espaço cedido por um comunitário, chamado Gengi Tokuta<sup>9</sup> um japonês que detinha uma boa extensão de terras, como afirma seu filho Satocy Tokuta, um dos colaboradores da pesquisa: “O Joca achou bom que era melhor fazer a capela aí na ponta da, da beira do rio mamurú, na boca do Simeão, mas tinha um senhor lá que ele era, parava lá ele era neopentecostal e não deu certo, que não dava para vender porque, aí deu uma confusão lá e aí o papai doou essa terra lá para o Simeão, a Ponta Alta, que se quisesse ele doava aquela terra.”

Percebemos que há um embate por um espaço entre duas igrejas, a católica com os comunitários do Simeão e a neopentecostal com esse senhor que não quis que a comunidade se instalasse ali, as motivações para esse embate podem ser tanto religiosas, quanto simplesmente por uma questão territorial de não perder a terra.

O processo da formação da comunidade tem suas peculiaridades, foi algo pensado a agradar as necessidades de umas pessoas, o que acabou dando certo ao ponto de ter que mudar de local, pois a necessidade de expandir e também a pressão imposta pela igreja Católica para seguir regras de organização. Após a institucionalização, ajudando nessa migração para outro espaço, foi possível expandir e seguir as configurações de uma comunidade comandada pela igreja católica.

Outros pontos específicos das famílias que ali moravam, era mostrar como que eles se relacionavam e o que faziam? Como receberam a ideia da formação de uma comunidade? E como o bom relacionamento entre eles ajudou a formar e a expandir uma comunidade que muito tempo depois se tornou referência naquela região.

## **DA INSTITUCIONALIZAÇÃO<sup>10</sup> DA COMUNIDADE.**

---

<sup>9</sup> Gengi Tokuta foi um japonês que veio na imigração japonesa para o Brasil, mais precisamente para o Amazonas. Após longos anos Gengi Tokuta adquire terras na região do rio Uaicurapá, lá ele se instala e começa uma produção de guaraná, anos depois ele adquire mais uma grande extensão de terras na região do rio Mamurú, foi onde conheceu e casou-se com Rosalina Prata. Após anos com sua família já formada Gengi decide mudar-se em definitivo para o Mamurú, juntamente com o cultivo do guaraná. Muitos anos depois Gengi Tokuta seria o responsável por doar terras para a formação em definitivo da comunidade Simeão Ponta Alta.

<sup>10</sup> O fenômeno "institucionalização" está presente em toda sociedade organizada por um Estado com dado meio de produção que determina as relações de trabalho. É, portanto um fenômeno social - só pode existir onde exista uma organização e divisão mínima de trabalho que surge enquanto necessidade de regulamentar a autoprodução humana, uma vez que o trabalho permite não só a sobrevivência do homem na terra como a modificação da natureza ao mesmo tempo em que cria outra natureza: a social – estabelece-se em um processo dialético de construção de uma realidade objetiva por meio da cultura, a qual universaliza práticas que constitui e que também é responsável por atribuições da significação da realidade (Motooka e Rodrigues, p. 560, 2014-2015).

Nas décadas de 1960 e 1970 a atuação da igreja católica no Brasil produziu grandes impactos no modo de evangelização e conexões com a sociedade. Principalmente a partir de 1964 com o início da Ditadura civil militar, inicialmente a igreja católica era adepta a esse regime com receio de perder terras para sindicatos comunistas além de outro pretexto. Com o passar do tempo e com as medidas do regime foram ficando cada vez mais rígidas e acabando com os direitos do povo, a igreja deixa de apoiar a Ditadura e passa a ser uma das principais opositoras ao regime.

A igreja Católica passou a fazer um trabalho mais social, colocando à frente as necessidades do povo. Muitos movimentos sociais foram criados nesse período, grupos da igreja se engajaram nos movimentos de militância política-religiosa. As CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) criadas durante esse período, ganharam força a partir da década de 1970, onde surgiram muitas outras CEBs em várias regiões, sendo assim pontos de resistência, palco de encontros e reuniões de opositores ao regime militar.

A década de 1970 assinala a multiplicação e o amadurecimento das CEBs em diversas regiões brasileiras. No ano de 1975, aconteceu o Encontro Intereclesial das CEBs, na cidade de Vitória (ES), tendo como tema central "A Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus". Durante o regime militar, as CEBs resistiram às imposições e tornaram-se espaços para que os grupos pudessem se expressar religiosa e politicamente. (Delgado, Ferreira. 2003. p. 124)

Durante a décadas de 1960 a igreja se tornou um órgão importante com a função de organizar e articular com os pequenos produtores, que detinham ou não posse de terras, então a igreja católica passou a ser a grande responsável por organizar e dialogar com os ribeirinhos, Arenz, (2000) afirma que:

Um papel importante na conscientização sócio-política dos ribeirinhos cabe a Igreja Católica. A partir do final de 1960 deste século, a Igreja na Amazônia, inspirada pelas mudanças do Concílio Vaticano II (1962-1965), tomou frente na luta contra a última das chamadas "frentes pioneiras" de expansão capitalista projetada pelo regime militar para a região amazônica (Arenz, 2000, p. 72)

Então para se iniciar uma comunidade e ter a "assistência" da igreja era necessário passar pela aprovação e oficialização da mesma, com a comunidade Simeão Ponta Alta não foi diferente, depois de alguns anos existindo por conta própria presidente Jorge de Oliveira juntamente com os comunitários decide oficializar a comunidade, levando a iniciativa a igreja, que acatou o pedido.

Oficialmente nos registros da igreja e na obra “Clarões de fé no Baixo Amazonas: a prelazia de Parintins no seu jubileu de prata”(1980), do Bispo Dom Arcângelo Cerqua consta que a institucionalização antes descrita como fundação da comunidade Simeão Ponta Alta ocorreu no ano de 1965, na qual tinha como presidente responsável o senhor Raimundo Peira Gama.(Cerqua, 1980, p.255).

Consta nos relatos orais, que foi feito uma missa na localidade para marcar a oficialização da cabeceira Simeão como uma comunidade de fato, lavrou-se a primeira ata e desde então a localidade passou a ser comandada pela igreja católica, seguindo normas de configuração do espaço, registro em ata de todas as reuniões, prestação de contas com a paróquia responsável pela comunidade.

Essas modificações causadas pela inserção da igreja na comunidade, fez com que ela tivesse a necessidade de crescer, não havendo condições de expandir no local onde se encontrava, ela foi obrigada a mudar de local, atravessando o rio, dando origem a então nova comunidade Simeão Ponta Alta, manteve-se o nome do espaço anterior e adicionaram nomes a mais pelo fato do novo local ser bastante íngreme. Nesse novo espaço foi possível colocar em prática as configurações exigidas pela igreja e também tinha espaço para os comunitários construírem suas casas.

Segundo os arquivos de memória oral, após a limpeza do local, construiu-se uma igreja provisória, dedicada ao Divino Espírito Santo, para cultos reuniões, e então a comunidade passou a funcionar nesse local, como afirma o senhor Raimundo de Souza Gama um dos colaboradores de nossa pesquisa:

E lá começamos os trabalhos, roçando desde a beira o pessoal iam roçando e eu ia atrás derribando, e o japonês gostava de ver eu fazer aquelas picadinhas de pau, que caia pau lá pra beirada. O certo é que lá fizemos um roçado, queimemo, destoquemo, fizemo uma igrejinha embarriada depois nós rebocamos, fizemo um piso e foi, a continuação foi assim<sup>11</sup>.

Inicialmente o Santo que foi o estopim da formação da comunidade não acompanhou essa mudança de local, o senhor Fábio<sup>12</sup> não autorizou que levassem o santo para outro espaço. Para suprir essa necessidade de um padroeiro para a comunidade, a

---

<sup>11</sup> Gama, Raimundo Pereira. Entrevista. Comunidade Simeão Socorro, outubro de 2023

<sup>12</sup> Fábio Prestes foi um morador da região do mamurú, mais precisamente na cabeceira do Simeão, onde ele fazia todo ano no dia de Pentecoste uma festa em honra ao Divino Espírito Santo, santo que ele tinha em sua residência e que após a chegada de Jorge de Oliveira na região depois de longas conversas entre ambos houve um consenso para a formação de uma comunidade em torno daquele santo. E assim criou-se a comunidade do Simeão que após anos e com a mudança de local, passou a se chamar Simeão Ponta Alta.

igreja leva uma santa chamada Nossa Senhora das Lágrimas, como enfatiza o senhor Satocy:

O finado Fábio não queria dar o santo pra, pra trazer praí pra esse lado daí, não queria ceder o santo, o Divino espírito santo a imagem e aí pelejaram com ele, aí o padre foi, ele falou com o padre, não sei como se ajeitaram pra lá. Só sei dizer que o padre Emílio, é o padre Emílio nesse tempo ele disse que ia levar uma santa pra ser padroeira da comunidade Simeão, então ele foi levou a imagem da santa, a primeira, primeira festa dia 31 de dezembro, é de dezembro já, dia 31 de agosto.<sup>13</sup>

Percebemos que há divergências sobre a permanência ou não do santo padroeiro, inicialmente podemos achar que era apenas o dono do Santo não querendo cedê-lo e a igreja tendo que arrumar outro Santo para substituir o mesmo, porém ao aprofundar no assunto aparecerão questões que refutam essa visão passada anteriormente. Vemos ver que a igreja não via com bons olhos o catolicismo popular, pessoas que tinham imagens e cultuavam sem o controle da instituição, sendo assim ela buscava controlar essas festividades.

As festas “profanas” são organizadas nos vários distritos rurais por irmandades religiosas. Essas irmandades assemelham-se às “Ordens Terceiras”, tão comuns no Brasil; não são, porém sociedades beneficentes, nem se subordinam à Igreja, cujos regulamentos não estão sujeitas, razão pela qual os padres católicos às combatem.(Wasley, 1957, p. 259)

Na região de Parintins quem teve papel importante nessa tentativa de acabar com as práticas religiosas existentes nos interiores foi a atuação do PIME, que enviava seus padres a esses espaços para catequizar a moradores daquela localidade segundo as normas da Igreja e suprimir assim as práticas religiosas práticas ali.

É pertinente assinalar que no universo religioso da romanização o ministro eclesiástico é visto como católico superior aos demais, controlador e mediador da experiência religiosa de outros católicos, seguindo esses preceitos os padres do PIME procuraram corrigir o que eles consideravam abusos... Cabe destacar que a prática da religiosidade popular é mais frequentes nas comunidades rurais o que fará desse campo um espaço a serem controlados pela Prelazia, dessa feita os padres com o intuito de envolver toda a vida da pessoa e estimulá-la a direcionar em todas as suas atividades cotidianas, tendo como base os seus ensinamentos, irão trabalhar para corrigir o que eles consideram errado, procurando moldar a espiritualidade dos fieis.(Cavalcante, 2019, p.80)

A partir de então a nova santa passa a ser a padroeira da comunidade Simeão Ponta Alta, após alguns anos o senhor Fábio decide doar em definitivo o Divino espírito santo,

---

<sup>13</sup> Tokuta Satocy. Entrevista. Parintins, outubro de 2023

fazendo assim com que a comunidade passasse a celebrar dois Santos, um oficial reconhecido pela paróquia e o outro que foi o oficial inicialmente por ser o estopim da formação da comunidade, mas que foi trocado, mas que após o seu retorno continuou sendo cultuado, não mais como o Santo padroeiro e sim o Santo secundário.

Nas regiões que existem santos eles são tidos com muito apreço, são considerados muito poderosos, sendo assim cultuado seguindo a risca os costumes pois assim como ele poderia conceber a graça também poderia derramar a sua ira com aqueles que faltasse com respeito. Na comunidade Simeão Ponta Alta mesmo com a chegada de um novo santo Católico o Divino espírito santo continuou sendo muito respeitado e por muitos moradores, ainda considerado o principal santo da comunidade mesmo a nova santa, Nossa Senhora das Lágrimas sendo a nova padroeira da localidade.

Os santos, ou melhor, as imagens que as representam, são considerados, divindades benevolentes que têm a cargo o bem estar da comunidade. Sua proteção é obtida através das orações das ladainhas e novenas, sua boa vontade é propiciada, ou mesmo compelida, pelas promessas. Faltar ao respeito que lhe é devido, é expor-se à ira e punição, mas existe sempre uma maneira de apaziguá-los. (Galvão, 1976, p. 64)

Segundo Carmo, com a decadência do catolicismo popular, até os próprios Santos perderam seus postos centrais a Nossa Senhoras, assim como percebemos que ocorreu na comunidade de Simeão Ponta Alta.

Assim, a comunidade se desenvolveu e cresceu a partir desses aspectos vistos anteriormente, e permanece até os dias atuais, no segundo espaço, que foi doado após polemicas e impasses no antigo espaço que atualmente é um lugar de memória, tendo apenas vestígios do que um dia foi o local inicial da comunidade Simeão Ponta Alta.

## **DAS PRÁTICAS DE TRABALHO, SOCIAIS E RELIGIOSIDADES**

Na comunidade de Simeão Ponta Alta, as práticas<sup>14</sup> sociais, de trabalho e religiosidades refletem a interseção entre tradição e modernidade, influenciadas pelo contexto local e pelas tendências globais. Nesta seção, exploramos como os moradores

---

<sup>14</sup> As práticas cotidianas estão na dependência de um grande conjunto, difícil de delimitar e que, a título provisório, pode ser designado como o dos *procedimentos*. São esquemas de operações e manipulações técnicas. (Certeau, p. 109, 1998)

de Simeão Ponta Alta realizavam suas atividades inicialmente e como estão adaptando suas formas de interação social, seus trabalhos e suas expressões religiosas às mudanças da era contemporânea, preservando ao mesmo tempo suas culturas e crenças.

A gente plantava roça fazia roçado e era tipo puxirum, naquele tempo faziam puxirum, hoje em dia não se faz mais, fazia puxirum e todo mundo se ajudava fazia o roçado e plantava, aí faziam a farinha para vender, a cultura era essa, mais era roça, outra coisa não tinha<sup>15</sup>.

As práticas de trabalho antes e durante a institucionalização da comunidade eram baseadas no plantio de roçado de mandioca para a produção de farinha. Então, reuniam-se e faziam o chamado puxirum<sup>16</sup>, que consistia na reunião de muitas pessoas para ajudar a fazer o roçado, a plantar a roça de uma outra pessoa, e atualmente essa prática do puxirum já não é mais feita.

Não havia muita opção de cultivo nesse período a não ser a produção de farinha e isso não era exclusividade da comunidade Simeão Ponta Alta, em toda a região amazônica essa era a cultura do morador interiorano, essa prática perdurou por muitas décadas até a chegada de novas culturas, a chegada da pecuária entre outros meios de trabalho.

Nos dias de hoje, em toda a extensão do Vale amazônico o caboclo cultiva pequenas roças pelo processo de derrubada e queimada de um trecho de mata, de preferência situado em lugar alto, livre de enchentes. O solo não recebe qualquer tratamento além da limpeza periódica do mato rasteiro. Os instrumentos utilizados, são o machado e facão para a derrubada e roçagem, e a enxada. Cada trecho de terreno é usado apenas dois ou três anos, quando se torna improdutivo, e então abandonado o que exige novas derrubadas. O principal produto cultivado é a mandioca, a variedade chamada comumente “brava”, que se presta melhor o fabrico da “farinha-d’água”, o alimento básico. (Galvão, 1976, p. 13)

Além das trocas de tempo, o chamado puxirum, naquele período também existia a troca de produtos, uma espécie de comércio de troca entre as pessoas da região, a pessoas trocava algo que lhe faltava com algo que estava faltando para o vizinho, como

---

<sup>15</sup> Raimundo Pereira Gama. **Entrevista**. Comunidade do Simeão Socorro. Outubro de 2023.

<sup>16</sup> Prática costumeira, o puxirum envolve crianças, jovens e adultos de ambos os sexos para ajudar uma família. É em suma, uma troca de dia entre membros dessas comunidades e ocorre em plantios, derrubadas, capinas, construções de casa, roçagem e outras situações. O beneficiado e anfitrião que promove o puxirum, é responsável por fornecer alimentação e bebida aos participantes, necessitando de aprovisionar-se de farinha, carne de caça ou de peixe abundante. No dia do puxirum, os convidados se deslocam para o local – com despesas próprias - em cascos, canoas ou motor rabeta, munidos de ferramentas específicas para o tipo de atividade, como enxada, enxadeco, terçado para o plantio da roça. (Matos, 2007)

por exemplo, alimentos, materiais de trabalho entre outros produtos, pela falta do dinheiro, então essa troca de favores e de produtos beneficiavam a todos e assim ninguém ficava sem nada.

Quando as pessoas começavam a fazer a colheita, quem plantava uma coisa já fazia a troca com outro, por exemplo, se um plantava a mandioca o outro já tinha o guaraná, o outro já plantava outro tipo de plantaço, eles faziam a troca né, não usavam muito o dinheiro, até as vezes quando alguém matava, conseguia um peixe grande ou uma caça eles trocavam, eles faziam essa troca aí e era interessante porque não tinha esse negócio de preços exorbitantes que tem hoje né.<sup>17</sup>

Aproveitando as trocas havia pessoas que eram chamados de Regatão<sup>18</sup>, que iam da cidade para essas comunidades rurais abastecidos de materiais, mercadorias para também fazer as trocas com produtos produzidos pelos ribeirinhos e lá se trocava de tudo, até animais criados pelos comunitários eram moedas de troca, além do próprio dinheiro, essas pessoas se faziam importantes para a economia dos interiores, onde quase tudo girava em torno de trocas.

Nesse período lá atrás como as comunidades não tinham ainda, só estavam começando desorganizadas, existia pessoas que iam daqui de Parintins nos seus motores, as pessoas falavam Regatão, eles levavam mercadoria da cidade e iam trocar com os produtos lá no interior, então eles trocavam, existia também o dinheiro mas era um troca né, o produto do trabalhador rural, do agricultor se transformava em dinheiro e fazia ali os valores do produto com os valores dos gêneros alimentícios que os Regatões como a gente falava, levavam e faziam as trocas né, trocavam pelos valores e por muita gente fazer isso eram vários tipos, até trocavam além dos gêneros alimentícios, trocavam de repente animais que criavam como galinha, pato, porco etc. e faziam esse comércio e era legal contando que ninguém ficava no prejuízo.<sup>19</sup>

A partir dos meados de 1980 as práticas de trabalho começaram a se modificar, além da plantaço da mandioca alguns moradores começaram a investir no plantio de guaraná, que foi o caso do senhor Gengi Tokuta, que produzia guaraná em larga escala para a venda, esse trabalho todo necessitava de mão de obra, então os moradores da comunidade e pessoas próximas eram contratados para o serviço de plantaço, colheita e

---

<sup>17</sup> Rodrigues, Reinaldo Trindade. **Entrevista**. Parintins, março de 2024.

<sup>18</sup> O Regatão é um comerciante ambulante que viaja entre centros regionais e comunidades rio acima, comercializando mercadorias para pequenos produtores caboclos e comerciantes do interior em troca de “produtos regionais”, agrícolas e extrativistas. (McGrath, p. 57, 1999.

<sup>19</sup> Reinaldo Trindade Rodrigues. **Entrevista**. Parintins, março de 2024.

tratamento do guaraná. Logo em seguida veio a inserção da pecuária que tomou bastante espaço no meio de produção dos moradores da comunidade como afirma o senhor Raimundo Gama: “O japonês a cultura dele lá era guaraná e castanha, que a gente tirava muito guaraná dele e vendia, depois que ele mandou fazer campo para a criação de gado”.

De acordo com os relatos orais antes da institucionalização da comunidade já havia festividade naquela localidade, festejos em honra ao Divino espírito santo, organizado pelo seu proprietário, o senhor Fábio. Para arrecadar recursos eram enfeitadas canoas e assim o proprietário do Santo saía para outras comunidades pedindo uma colaboração e assim conseguia-se material, alimentos, recursos para a organização da festa<sup>20</sup>. E assim continuou após a institucionalização da comunidade, porém as caravanas para pedir os recursos tornaram-se maiores e chegavam às demais localidades:

Faziam festa de mastro assim, saíam naquelas canoas com bandeiras pedindo donativos para fazer a festa e quando chegava no dia da festa reunia, vinha gente lá da Terra Preta<sup>21</sup>, nós se reunia e fazia a festa, vinha até pessoas de outras partes, porque comunidade não tinha aqui por perto, era assim que a gente fazia<sup>22</sup>.

Ainda sobre a busca de recursos para a festa do Divino Espírito Santo, assim como nas festas de outros santos daquele contexto Charles Wagley explica como era feita essa ida a outras localidades.

Nessa ocasião os administradores da irmandade levam a imagem do santo, numa canoa especialmente enfeitada, em visita a outras aldeias e distritos rurais. Em seu percurso, vão parando de casa em casa e, ao ritmo dos tambores, das matracas e do raspador, cantam em homenagem ao santo e pedem donativos. (Wagley, 1957, p. 260, 261)

Nas festas daquele período existia a subida do mastro que consistia em erguer um poste de madeira enfeitados com frutas e no topo a bandeira do Santo que se está festejando. O mastro representava o início ou inauguração da festa, em muitas ocasiões quem pegasse a bandeira após sua derrubada seria o próximo festeiro ou organizador da festa do referido santo. Sendo assim o mastro tinha papel bastante importante nas festas.

---

<sup>20</sup> Para melhor aprofundar tema das organizações das festas de santos em comunidades amazônicas, ver: Wagley, Charles. Uma Comunidade Amazônica. Estudo do homem nos trópicos. 1957.

<sup>21</sup> Para aprofundar mais sobre essa comunidade ver: Andrade, Gilciandro Prestes de. Festa de São José Operário na Comunidade de Terra Preta do Rio Mamurú em Parintins, 2016.

<sup>22</sup> Raimundo Pereira Gama. **Entrevista**. Comunidade Do Simião Socorro. Outubro de 2023.

A ereção do mastro marca a inauguração oficial dos festejos. Um poste de cerca de oito metros de altura, previamente preparado, está pronto na floresta, a pouca distância do povoado. O mastro é decorado com folhagens e abacaxis inteiros, amarrados, em toda a extensão do poste, com pequenos intervalos. Ao cair da tarde é carregado nos ombros dos homens jovens que acompanhados pelos juizes de mastro e os músicos da folia, o levam para o local em frente à residência que se serve de capela. Ali é erguido. (Wasley, 1957, p. 264)

Nessas festividades existem momentos distintos que compartilham o mesmo espaço durante o período da festa, o momento religioso e o momento social. Muitos visitantes são atraídos por conta do sagrado, mas também pelo momento social onde se divertirão a noite toda, nesse sentido Andrade, 2016 afirma:

As festas de santo padroeiro de comunidades rurais apresentam dois momentos: sagrado e profano que se entrelaçam. Esses atos festivos são realizados em cidades e nas zonas rurais da Amazônia, sendo promovidos pelos próprios moradores. As atividades sagradas são os círios, novenas, batizados, casamentos e as etapas do catecismo. Outras são consideradas profanas como: as festas dançantes, torneios esportivos, bingos, namoros, vendas de bebidas e leilão. (Andrade, 2016, p. 59, 60)

Com a comunidade institucionalizada surgiram outros meios culturais e sociais, tais como: as missas aos domingos, brincadeiras de boi, quadrilhas e o futebol, para entreter e animar os comunitários da recém formada comunidade, brincadeiras essas que segundo o senhor João Henriques surgiram pela necessidade de diversão das pessoas que ali moravam, então fazia-se as brincadeiras que beneficiavam a todos da comunidade, além da festa em honra ao divino espírito do Santo que era o festejo mais importante da comunidade naquele contexto.

Desde a criação da comunidade lá, quando já estava criada, as famílias, os comunitários sentiam necessidade de ter momento de lazer, então a pessoa responsável lá que era o senhor Jorge de Oliveira resolveu formar uma brincadeira e nós formamos a brincadeira do boi, nós tínhamos um boi que também era Caprichoso, era pretinho e além do boi tínhamos o futebol que a gente gostava, depois inventamos brincadeira de quadrilha aí brincava jovem, brincava senhoras, era tudo misturado, mas era todo mundo numa boa, todo mundo se respeitando e brincava sadicamente, então essas eram as brincadeiras que tinha além da festa do Santo<sup>23</sup>.

Essas brincadeiras eram essenciais para uma boa convivência da comunidade, sendo que nelas, era possível se divertir, juntar toda a comunidade em torno dessas

---

<sup>23</sup> João Henriques Prata. **Entrevista**. Comunidade Simeão Ponta Alta. setembro de 2023

brincadeiras, trazendo até pessoas de comunidades próximas. Isso tudo fazia uma comunidade unida, mas também com boas relações com as comunidades vizinhas.



**Figura 03:** Brincadeira do Boi, citada por João Henriques Prata.

**Fonte:** Izaurina Tokuta



**Figura 04:** Bonecas vivas da festa em honra à Nossa Senhora das Lágrimas na década de 90.

**Fonte:** Izaurina Tokuta.

Ao longo do tempo muitas mudanças aconteceram no cotidiano, no modo de festejar, no modo em que as pessoas lhe davam com uma festa nos relatos orais percebemos que as pessoas mais antigas percebem essa mudança e fazem comparação do presente com o passado no qual essas pessoas eram jovens.

Mas as pessoas antes eu diria que eram mais religiosas, eles se apegavam mais na religião, hoje com uma grande diferença, as pessoas vão numa festa elas vão mais para a dança, vão mais para o prêmio do esporte, essas coisas totalmente diferentes né, antes parecia que as pessoas acreditavam mais em Deus ou temiam mais a Deus, hoje parece totalmente diferente né.<sup>24</sup>

Nesse relato percebemos a comparação sobre as mudanças que ocasionalmente ocorrem no decorrer dos anos, acompanhando assim a modernidade do mundo, a juventude inserindo novos aspectos culturais nas festas, deixando a parte religiosa um pouco de lado, nesse sentido de mudanças ocorridas nas festas de comunidades rurais, Andrade, 2016 afirma que:

A festa com o passar das décadas foi agregando, além das práticas religiosas, outras experiências socioculturais como os torneios de futebol masculino e feminino, festa dançante [...] Venda de bebida alcoólica no bar da festa, diferente das primeiras décadas, que apesar de apresentar momentos de lazer e

<sup>24</sup> Rodrigues, Reinaldo Trindade. **Entrevista.** Parintins, março de 2024.

divertimento, estava mais voltada às celebrações religiosas. (Andrade, 2016, p.69)

Atualmente somente as festas do Divino Espírito Santo, da padroeira Nossa Senhora das Lágrimas e o futebol se mantêm vivos outro meio cultural não existe mais como nos primórdios, com a chegada da tecnologia, da energia e conseqüentemente da Internet muitas manifestações socioculturais existentes na comunidade passaram a não existir mais, acompanhando assim as mudanças mundiais, muitas práticas se perderam ao longo do tempo e com a tecnologia chegando outras práticas modernas e tecnológicas surgiram.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A trajetória histórica da comunidade Simeão Ponta Alta é marcada por essa pela mudança de lugares, do espaço inicial na cabeceira Simeão para o outro lado do rio Mampurú, local depois chamado de Ponta alta, lugar de formação definitivo da comunidade. Não apenas isso, mas podemos ver como que a influência de um indivíduo muda a história de vida de muitas pessoas.

Certamente que essa influência foi usada para benefício próprio, porém abriu-se um leque de possibilidades as famílias que moravam na região, tanto na questão religiosa quanto na questão cultural, e como a formação da comunidade modificou os hábitos, o modo de vida dessas famílias, antes viviam sem tanto contato com entre si, e depois passam a ter coletivamente objetivos comuns e a fazer parte de uma sociedade, de ter responsabilidades e deveres com a comunidade.

Também vem junto a possibilidade de acesso à educação, água potável, posto de saúde, dentre outros direitos básicos assegurados constitucionalmente. Direitos que fazem diferença na vida cotidiana dessas famílias, como exemplo a educação, muitos dos ribeirinhos durante esse período eram analfabetos, nas formações da comunidade e a chegada de uma professora, os filhos desses ribeirinhos puderam aprender o básico da educação formal. Essa foi uma das mudanças significativas com relação ao hábito dos moradores da região foi a chegada da educação.

Outro aspecto muito importante é a chegada da Igreja Católica e como ela vai oficializar a comunidade, dizer que agora de fato e de direito é uma comunidade, por estar sendo comandada por ela e como vai incentivar essas famílias locais a terem hábitos sociais coletivos e condizentes com a moral judaico-cristã. Percebe-se como essa pressão

vai fazer a comunidade mudar de local, por não ter requisitos ou espaços suficientes no terreno anterior para se manter nas configurações ditas pela Igreja.

São esses aspectos sociais e também religiosos que irão nortear a formação de muitas comunidades ribeirinhas na Amazônia, pensar sobre esses pontos é entender como esses fatores vão influenciar nas mudanças tanto territorial, cultural e de modo de vida do povo local.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla (org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- ANDRADE, Gilciandro Prestes de. Festa de São José Operário na Comunidade de Terra Preta do Rio Mampurú em Parintins – Parintins/AM, 2016.
- ARENZ, Karl Heinz. Filhos e filhas do beiradão: a formação sócia histórica dos ribeirinhos da Amazônia. Santarém. Faculdade Integradas do Tapajós, 2000.
- BAREMBLITT, G. Compendio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática. 5. ed. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari, 2002.
- BARROS, José D’Assunção. A História Social: seus significados e seus caminhos. *LPH – Revista de História da UFOP. n° 15, 2005.*
- CAMPOS, Pe. Manuel do Carmo. A decadência do Catolicismo Popular na região de Parintins (1955-1975). *Revista de Cultura Teológica*, v. 3, n. 12, 1995.
- CASTRO, Hebe, História social, in. Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia/Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). – Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CAVALCANTE, Ronaldo Bentes. Ide pelo mundo inteiro e anunciai o evangelho: As Práticas Sociais e Religiosas do PIME em Parintins. Manaus, 2019.
- CERQUA, A. Clarões de fé no Médio Amazonas: a prelazia de Parintins no seu jubileu de prata. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1980.
- CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Editora vozes, 3ª Edição, Petrópolis, 1998.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História Oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*,6, 2003.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge. O Brasil Republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Civilização Brasileira – Rio de Janeiro, 2003.

GALVÃO, Eduardo. Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas. 2. ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. A prática do puxirum no plantio da roça. X Simpósio Internacional, Processo Civilizador, Campinas, São Paulo, 2007.

MAUÉS, Raimundo Heraldo. Comunidades “no sentido social da evangelização”: CEBs, camponeses e quilombolas na Amazônia Oriental Brasileira. 2010.

McGRATH, David. O regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional. Novos Cadernos NAEA. Vol. 2, nº 2 – dezembro 1999.

MOTOOKA, Fernanda Resende e RODRIGUES, Alexandra Arnold. Os processos de institucionalização da diferença versus o problema da identidade. Programa de Apoio a Iniciação Científica - PAIC, 2014-2015.

NORA, Pierre. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. *Projeto história, São Paulo, 10, dez. (1993).*

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos, memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto história, São Paulo, 10, dez. (1993).*

ROCHA, João Marinho. “Tudo por ai morava gente nossa!”, Os usos e os lugares da memória territorial nos processos de constituição da identidade étnica nos Quilombos do Rio Andirá, fronteira Amazonas/Pará. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 57, N.1, p. 16-25, jan/abr 2021.

WAGLEY, Charles. UMA COMUNIDADE AMAZÔNICA, Estudos do Homem nos Trópicos. Biblioteca pedagógica brasileira, Companhia Editora Nacional, Vol. 290, série 5, São Paulo, 1957.